

## **LEITURA E ESCRITA EM LIBRAS COMO LÍNGUA “ESTRANGEIRA”**

ALEXANDRE DO AMARAL RIBEIRO (INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS), ROBSON BARBOSA CAVALCANTI (UERJ/PCRJ).

### **Resumo**

O reconhecimento da língua brasileira de sinais como meio legítimo de comunicação nas comunidades de surdos no Brasil redimensionou, entre outras, a questão dos meios e estratégias para a difusão da LIBRAS (língua brasileira de sinais) em todas as camadas da sociedade. Os cursos de línguas de sinais, nesse contexto, podem ser tomados como canal através do qual se efetiva a difusão da LIBRAS no país contribuindo para a inclusão do surdo sinalizante na sociedade. A modalidade viso-espacial própria da LIBRAS constitui-se, no entanto, em um desafio para a aquisição da língua de sinais por ouvintes o que motiva a proposição de reflexões acerca do ensino-aprendizagem da LIBRAS. Torna-se cada vez mais clara a necessidade de se rever estratégias de ensino dessa língua, especialmente para alunos ouvintes, de modo a facilitar-lhes uma reestruturação nas formas de ler o mundo. Isso porque a leitura e o entendimento do que venha a ser leitura precisa ser repensando nas relações professor surdo e aluno ouvinte, uma vez que hábitos e habilidades de leitura obedecem a estratégias cognitivas diferenciadas daquelas utilizadas comumente entre os ouvintes. Há que se desenvolver a capacidade de ler o corpo e o seu movimento no espaço, conseguindo-se estabelecer relações sintáticas, semânticas e pragmáticas necessárias à construção e compreensão do discurso. Este trabalho apresenta dados parciais sobre estratégias de reorganização didática de aulas de LIBRAS com vistas ao desenvolvimento da habilidade de leitura em língua de sinais o que pressupõe a leitura de espaço e do corpo em relação a esse. Dentre as estratégias investigadas, inclui-se a das possibilidades de aplicação do “sistema signwriting” de escrita de sinais (Sutton, 1980) como facilitador da leitura e da compreensão do discurso produzido em LIBRAS e a da aprendizagem dessa língua com base em princípios do ensino de língua estrangeira.

### **Palavras-chave:**

LIBRAS como língua estrangeira, Leitura e Escrita, Sistema Signwriting .

O Instituto Nacional de Educação de Surdos, enquanto Centro de Referência Nacional na área da surdez, engaja-se ininterruptamente na disseminação da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS e compromete-se com o esclarecimento da sociedade brasileira sobre a surdez, no sentido amplo, e sobre a língua brasileira de sinais (LIBRAS).

Uma das formas de tornar realidade esse engajamento é promover ações que, mantendo a Instituição na vanguarda das pesquisas, possa ratificar e ampliar o seu papel perante a sociedade, conforme exposto anteriormente. Sua missão de promover a educação de surdos não se restringe aos seus muros, mas atinge toda a sociedade através da formação de profissionais (surdos ou não) capacitados, informados e instrumentalizados em relação à educação de surdos e ao ensino-aprendizagem de língua de sinais por parte dos sujeitos ouvintes.

A partir do contexto, o INES vem desde o ano de 2006 empreendendo esforços para a melhoria da qualidade do Curso livre de Língua de Sinais Brasileira, oferecido à comunidade. Uma das condições imprescindíveis para a concretização dessa melhoria é que todos estejam disponíveis para a constante discussão, reavaliação e remodelamento da estrutura dos cursos oferecidos, metodologias nele

empregadas e para a capacitação de todos os profissionais envolvidos, em especial, os instrutores surdos e coordenadores pedagógicos do referido curso.

Dessa maneira, vieram-se promovendo Curso de Capacitação, Oficinas de Instrumentalização e Reuniões de Avaliação e Reestruturação em prol de uma reorganização dos conteúdos, estrutura, princípios pedagógicos e metodológicos do Curso de LIBRAS. Essas ações devem ser entendidas como integrantes de um projeto maior que visava o redimensionamento do Curso de LIBRAS.

No ano de 2006, foram realizadas reuniões pedagógicas específicas em que se discutiam as necessidades de revisão da metodologia de ensino aplicada no curso e a reelaboração dos materiais didáticos utilizados em sala de aula.

Em 2007, como resultado deste trabalho e investindo ainda mais, foram criadas apostilas para os instrutores surdos e protótipos de alguns materiais de apoio, que naquele momento, direcionariam o ensino quanto aos conteúdos em processo de reorganização. Além disso, foram criados e realizados Cursos de Capacitação. Esses cursos (2007 e 2008) totalizaram isoladamente, além das reuniões e oficinas, aproximadamente 80 (oitenta) horas de capacitação em Metodologia do Ensino da LIBRAS, tanto com uma abordagem linguística quanto psicopedagógica.

Podem ser citados, como exemplos de resultados alcançados, um entendimento mais amplo por parte do instrutor em relação ao seu papel em sala de aula, a resignificação da importância e ato de planejar suas aulas, uma visão pedagógica e científica mais adequada sobre o processo de aprendizagem e "erro" em sala de aula. Esses resultados efetivamente observados permitiram o engajamento na proposição e reformulação das bases científicas e pedagógicas que sustentaram a organização do curso de LIBRAS.

No ano de 2008, os estudos continuaram em prol da revisão das estratégias e dos conteúdos e materiais de apoio do curso. Assim foi inserido nas aulas, com maior intensidade, do Curso de LIBRAS o uso de vídeos. As salas do curso passaram a ser equipadas com TV, aparelhos de vídeo e DVD. Os vídeos, já existentes no INES, foram inseridos segundo os objetivos e estratégias elaboradas pela equipe do curso.

As formas de avaliação do desempenho dos alunos foram discutidas, juntamente com as diferentes metodologias e o planejamento de curso, de aulas, de atividades. Nesse momento entendeu-se a necessidade de uma nova reorganização de conteúdos, o que culminou com a reelaboração de todo o conteúdo do curso, aprofundando tal conteúdo e refinando as formas ensino-aprendizagem, a tal ponto que foi proposto e aprovado uma nova estrutura curricular que ampliou o curso para cinco níveis de estudo.

Refletindo um pouco mais sobre a metodologia do ensino de LIBRAS, observou-se, em função das especificidades linguísticas da LIBRAS, a necessidade de que instrutores e coordenação tivessem conhecimentos mais amplos sobre psicomotricidade humana. Dessa forma, oficinas sobre o tema "corpo e linguagem: contribuições da Psicomotricidade" passaram a ser oferecidas, considerando-se a importância do corpo como meio de manifestação linguística, integrante da gramática da língua de sinais. Acredita-se que esse trabalho auxiliou de maneira excepcional os instrutores e equipe pedagógica a proporem atividades de sala de aula que fossem mais eficazes para o domínio pleno da língua de sinais.

O Curso de LIBRAS do INES hoje, portanto, apresenta uma nova proposta. Um plano de curso composto por cinco níveis, totalizando 250 horas. Apresenta também uma metodologia mais adequada ao ensino da LIBRAS com estratégias e recursos diferenciados aplicados a um planejamento de atividades que é acompanhada semanalmente pelos supervisores surdo e ouvinte da equipe. Isso tem propiciado a finalização da apostila do instrutor do Curso de LIBRAS do INES e a perspectiva de uma capacitação na metodologia específica do INES para os futuros instrutores de Cursos de LIBRAS.

Considerando que um processo de formação, capacitação de profissionais da equipe e o de reformulação do curso foram propostos como uma ação longitudinal e contínua, foi proposto um acompanhamento contínuo à implantação do Curso de LIBRAS reformulado.

Em uma ação, aparentemente, paralela, tal acompanhamento vem sendo feito - também - através da criação de uma turma experimental através da qual vem sendo avaliada a implantação da nova metodologia de ensino de LIBRAS do Curso regular existente e verificada a possibilidade de, futuramente, serem produzidos materiais de dispensem em boa parte ou totalmente qualquer dependência da língua portuguesa para o ensino da LIBRAS, fazendo da primeira apenas um apoio eventual, dada a não solidificação de um sistema de escrita amplamente divulgado entre os surdos. A língua de sinais é, por assim dizer, uma língua ágrafa. Essa característica vem impondo uma série de desafios ao ensino-aprendizagem dessa língua por parte dos ouvintes.

A partir dessa ação, os instrutores passaram a considerar desnecessário o uso de listas intermináveis de vocabulário a serem memorizadas e a tradução de textos do português para LIBRAS, percebendo tais procedimentos como metodologias já em desuso para o ensino e aprendizagem de línguas.

Deve-se, portanto, ter claro em mente que a proposição de uma turma experimental em que, além da nova metodologia aplicada, seja incluído o ensino da "escrita de sinais" (sign writing) não se dá por ingenuidade de acreditar que no Brasil o uso de tal sistema de escrita esteja consolidado. Acontece, pois se faz necessária a utilização de tecnologias que facilitem e consolidem o uso da língua de sinais. Ensinar de maneira inicialmente experimental esse sistema, justifica-se como estratégia para proporcionar ao aluno o domínio da LIBRAS cuja modalidade linguística destoa da lógica das línguas orais e como possibilidade de elaboração de futuros materiais didáticos que garantam o lugar do Instituto Nacional de Educação de Surdos à vanguarda das pesquisas na área da surdez.

A turma experimental criada é composta de 16 alunos-pesquisadores voluntários, de diferentes áreas de formação e atuação profissional. Abaixo oferecem-se algumas reflexões que emergem do primeiro semestre letivo de atividades com a turma e as primeiras observações sobre a aprendizagem de LIBRAS por ouvintes com base em um sistema de escrita próprio da língua de sinais.

### **Desafios de uma turma experimental de ensino de LIBRAS com o apoio da "escrita de sinais"**

A surdez, vista sob uma perspectiva sociolinguística e cultural, e a aprendizagem da língua brasileira de sinais (LIBRAS), língua própria dessa comunidade linguística, por parte de alunos ouvintes, desvelam possibilidades linguísticas, comunicativas, educacionais e interpessoais não recorrentes no cotidiano daquele que estabelece - pela primeira vez - contato com surdos ou frequenta um curso de LIBRAS. Os primeiros momentos compartilhados em sala de aula entre um professor surdo e

um aluno ouvinte é algo bastante desafiador de descrever e analisar, possivelmente, entre muitos outros fatores, em função da "[...] complexidade em que se constitui a interação surdo-ouvinte, especialmente quando a proximidade acontece sem que ambos compartilhem de uma ferramenta de linguagem comum", conforme preconiza (DIAS, 2007: 32).

Refletir sobre como uma pessoa surda aprende a ler e a escrever a língua materna é uma experiência que, dificilmente, um ouvinte, ao participar de um curso de LIBRAS, vivencia de forma tranquila e/ou incólume. O ouvinte - independente do método (são tantos...) pelo qual foi alfabetizado -, assim que é apresentado ao "mundo das letras, palavras e textos" nos primeiros anos de escolarização é concomitantemente, instruído a elaborar construções frasais e oracionais repletas de questões gramaticais específicas - sejam elas morfológicas, sintáticas, semânticas e/ou estilísticas - da língua portuguesa tanto escrita quanto falada, como preposições, conjunções e artigos. Uma questão que o ensino escolarizado de língua portuguesa, desde os primeiros anos, chama bastante a atenção, por exemplo, é a utilização de uma conjugação verbal coerente com a mensagem/texto que se produz.

Dessa forma, ter que aprender a elaborar sentenças de uma língua de outra modalidade, na qual logo se nota que a memória é um aspecto muito "utilizado", haja vista que a LIBRAS é uma língua em que a visão e os gestos são alguns dos elementos imprescindíveis para a devida contextualização comunicacional.

O espaço escolar e suas aprendizagens especificamente escolarizadas, que não só no ensino da língua portuguesa, mas que em outras disciplinas, hodiernamente, tanto valoriza a questão da oralidade, fomentada inclusive pelos livros didáticos recomendados por programas oficiais como o PNLN - Programa Nacional do Livro Didático -, ganha um outro ponto de observação quando um profissional que atua na área da educação dispõe-se a ser aluno de um curso de LIBRAS, espaço de múltiplas interações de ensino-aprendizagem, onde "[...] é necessário mergulhar na complexidade das diferenças e conviver com elas para construir um outro olhar, instruído pelo respeito à alteridade que difere de si inexoravelmente. [...]" (DIAS, 2007: 33).

Um aspecto que, talvez, para muitos, seja um dos primeiros a se manifestar quando da participação em curso de LIBRAS é a censura de expressar-se com o corpo, já que movimentos como encher e manter as bochechas de ar e mexer exageradamente as sobrancelhas podem representar componentes semânticos de um texto da LIBRAS. Desse modo, mostra-se necessário, livrar-se de determinadas censuras que o usuário da língua portuguesa talvez jamais tenha refletido sobre.

Um aspecto curioso, é que a LIBRAS, através de suas peculiaridades e particularidades combinadas, claro, aos sinais, é um campo vasto para estudos linguísticos pertinentes ao estilo. Ironia, metáforas, metonímias e várias outras figuras de linguagem têm na LIBRAS amplas possibilidades de reflexões textuais e discursivas.

Um fato assustador para um professor iniciante no estudo da língua brasileira de sinais é ter acesso à informação de que a LIBRAS é meio de comunicação oficial do Brasil. Por incrível que pareça muitos brasileiros ignoram o que é mais que uma informação, é uma prerrogativa legal. Na Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, configura-se a condição da LIBRAS da seguinte forma:

Art. 1º - É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único - Entende-se como Língua Brasileira de Sinais Libras - a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, como estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas no Brasil.

Ainda no campo legal, é preciso salientar que o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei acima preconiza, no seu Artigo 3º, que a "Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia [...]". Isso torna a ignorância acerca dessas prerrogativas legais pior quando se é professor.

Não obstante, sabe-se através do Censo de 2000 que o Brasil possui cerca de 5,7 milhões de surdos, tendo a deficiência auditiva provocada em cerca de 70% dos casos, por rubéola contraída pela mãe nos três primeiros meses de gravidez, realidade que poderia ser modificada com campanhas de vacinação para mulheres no primeiro trimestre de gravidez.

Vale ressaltar que a experiência de um ouvinte ao frequentar um curso de LIBRAS, pode ser analisada por um viés não somente lingüístico, mas também, cultural. A conjuntura de fenômenos que compõe a **cultura** demarca diferentes formas de inserção na escola, além de definições de determinados conceitos e implicações outras que compõem as relações escolares de ensino e aprendizagem, especialmente da leitura e da escrita.

É a dinâmica da **cultura** que define as estruturas de diferentes instituições, entre essas, a escola, e, portanto, indica as diferentes possibilidades de inserção dos sujeitos ditos especiais no espaço escolarizado. Em termos das relações de ensino-aprendizagem no contexto escolar, estas são constituídas a partir de valores culturais ou de valores culturalmente estabelecidos, em vários momentos, haja vista que o sujeito vive em diferentes grupos, numa mesma sociedade.

Entende-se, aqui, portanto, que a **cultura** é entendida como os diferentes modos de inserção do(s) sujeito(s) na sociedade, impondo o estabelecimento de uma hierarquia de valores e o grau de importância que se atribui a cada um desses elementos; e que dessa forma, **cultura** implica identidade, expressa pela tríade linguagem(ns)-comunicação-cultura. Essa tríade constitui e se constitui enquanto dinâmica de interação entre o(s) indivíduo(s) e a sociedade. É importante salientar que, implícita e explicitamente, linguagem, comunicação e cultura encontram-se na base das questões acerca do ensino e da aprendizagem da leitura e da escrita.

Outra conjuntura a se pensar é que a relação professor surdo-aluno ouvinte de um curso de LIBRAS proporciona uma experiência de letramento no campo de uma lógica lingüístico-cultural construída com base na relação do corpo com a dimensão espacial e visual.

No âmbito desta pesquisa, a proposta do ensino-aprendizagem do "sistema signwriting", potencializa essa experiência de letramento, entendendo-se este como "um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos (...)" conforme aponta (KLEIMAN, 1995: 19).

Como resultados parciais dessa pesquisa ainda em processo pode-se concluir que a introdução paulatina de sistema de escrita de sinais nas aulas de LIBRAS reforçou o uso/aplicação da noção de "classificadores" na língua de sinais. Essa noção passou a ser imprescindível para que o aluno ouvinte iniciante pudesse dar conta de

perceber e localizar o próprio corpo no espaço e, ainda, para que esse aluno pudesse construir novas relações sociais, culturais e linguísticas a partir desse corpo.

Parece acertado dizer, também, que é mais motivador para um professor surdo planejar suas aulas, buscando soluções para que alunos ouvintes tenham um melhor acesso à lógica inerente à modalidade espacial e visual da língua de sinais. Essa busca motivadora aproxima também o professor da dita cultura ouvinte, uma vez que precisa dar conta de conhecer mais sobre essa cultura para resolver conflitos sócio-culturais que possam interferir na aprendizagem de língua de sinais.

Na relação de sala de aula, portanto, foram enfatizadas atividades que representassem o cotidiano de cada aluno, mas expressos em termos de uma adaptação para contextos próprios das vivências de pessoas surdas. Essas atividades de representação ampliavam o domínio dos classificadores já em um primeiro nível, o que facilitava o entendimento da representação do movimento no papel sem recorrer a uma descrição desse em língua portuguesa.

Se um aluno ouvinte, acostumado a fazer anotações para sistematização de sua aprendizagem, tem a possibilidade de fazê-las com referência aos movimentos e usos do corpo e do espaço em prol da língua que aprende, isso naturalmente pode facilitar o processo de aprendizagem de uma língua de modalidade linguística diferente da sua.

Facilitar o acesso a LIBRAS, para um aluno ouvinte, se faz necessário uma vez que as suas relações com a LIBRAS, língua reconhecidamente brasileira, são revestidas de uma estrangeiridade, no sentido mesmo de estranho e afastamento do "nativo surdo". Propor uma tomada de consciência de movimentos corporais através de sua notação pode ser um instrumento de acesso à língua de sinais.

### **Referências bibliográficas**

DIAS, Vera Lúcia Lopes. "Observações sobre uma experiência na universidade: os estranhamentos e encontros entre surdos e ouvintes". In: **Arqueiro**, vol. 15 (jan/jul). Rio de Janeiro: INES, 2007.

KLEIMAN, Angela B. (org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

PLAISANT, Elaine da Rocha Baptista. "A língua escrita como segunda língua: uma experiência de letramento". In: **Anais do Congresso INES: 150 anos no Cenário da Educação Brasileira**. Rio de Janeiro: INES - Divisão de Estudos e Pesquisas, 2007.

RIBEIRO, Alexandre do Amaral. "*Anotações sobre língua, cultura e identidade: um convite ao debate sobre Políticas Linguísticas*". In: **Revista Espaço** (Informativo técnico-científico do INES) sob o n.25/26, 2006.